



CONFLITOS INTERNACIONAIS

Pressão sobre Putin e Netanyahu

Donald Trump avalia pedir à Síria que atue contra o movimento fundamentalista xiita libanês Hezbollah e não descarta retomar as sanções ao petróleo da Rússia. Irã exige retirada militar israelense do território libanês, em desafio a premiê do Estado judeu

» RODRIGO CRAVEIRO

Às vésperas da assinatura do acordo de cessar-fogo com o Irã, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, intensificou a pressão sobre Israel e Rússia. Em mais um sinal de indisposição com o premiê israelense, Benjamin Netanyahu, o republicano aproveitou a cúpula do G7, em Évian-les-Bains, na França, para pedir ao líder do Estado judeu que seja "mais responsável com o Líbano" e sugerir que o governo da Síria passe a lidar com o movimento fundamentalista xiita Hezbollah. O titular da Casa Branca também demonstrou disposição de impor novas sanções contra o petróleo de Moscou — uma forma de demonstrar insatisfação com o prolongamento da guerra.

"Em breve vamos poder fazer isso porque o petróleo já está fluindo pelo Estreito de Ormuz", garantiu Trump, ao citar o canal marítimo por onde passam 20% da produção mundial da commodity. O republicano acredita que o russo Vladimir Putin utiliza o petróleo para financiar a invasão à Ucrânia.

A trégua com Teerã esbarra nos planos de Netanyahu para o Líbano. Ontem, o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, principal negociador do regime teocrático islâmico, condicionou o cessar-fogo à retirada israelense do território libanês. "Sem a retirada das forças de Israel dos territórios que ocuparam durante essa guerra, o conflito não terá chegado ao fim por completo", declarou o ministro.

O Khatam Al Anbiya, comando central do Exército iraniano, prometeu uma "resposta dura" a uma ofensiva israelense que deixou quatro mortos no território libanês. "Se o exército infantizado do regime sionista não encerrar seus atos de agressão no sul do Líbano, deve esperar uma dura resposta das poderosas Forças Armadas da República Islâmica do Irã", declarou. O comunicado militar acusou Israel de violar o cessar-fogo no Líbano "84 vezes" desde segunda-feira, quando o acordo foi anunciado.

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cristina Soareanu Pecequillo avalia que Trump não tem obtido bons resultados com relação às negociações entre russos e ucranianos. Ela interpreta a nova onda de pressões sobre Putin como reflexo da dificuldade de Washington em negociar

com Moscou. "Quando observamos as manifestações que o presidente americano faz na Cúpula do G7, ao aproximar-se de Volodymyr Zelensky, afirmar que teve uma boa reunião com ele e usar o exemplo da guerra contra o Irã como prova de sua ação pacifista, isso acende o alerta para Moscou."

Pecequillo destacou que tanto a Rússia quanto a China exerceram uma ponte com o Paquistão nas negociações para um acordo de cessar-fogo entre EUA e Irã. De acordo com ela, independentemente da abertura, ou não, do Estreito de Ormuz, o petróleo da Rússia ainda é essencial para muitas nações, principalmente as asiáticas. "Apesar de a dependência do Ocidente ser um pouco menor, em relação ao petróleo de Moscou, acho que a imposição de sanções é uma forma de pressionar e mostrar serviço no momento em que os EUA não conseguiram obter da Rússia e da Ucrânia as vantagens que gostariam nas negociações", disse a professora da Unifesp.

Precedentes

Michael O'Hanlon, especialista em Rússia e Ucrânia pelo Brookings Institution, espera que a Casa Branca intensifique a pressão sobre o Kremlin. "Há alguns precedentes com as sanções impostas a duas empresas petrolíferas russas, no outono passado. A reabertura do Estreito de Ormuz também deve ajudar nesse sentido", disse ao **Correio**. O estudioso lembrou que, por várias vezes, Trump tentou forçar Moscou a assinar um acordo de paz e fracassou. "Ninguém pode calcular em que momento Putin decidirá que a continuação da guerra não vale a pena. Por isso, precisamos exercer mais pressão — aparentemente, o que fizemos até agora não foi suficiente."

Em relação ao conflito no Oriente Médio, Pecequillo considera "razoavelmente irresponsável" o aceso de Trump para que a Síria lide com o Hezbollah. "A Síria começa a se reorganizar agora. Trata-se de um governo controverso, que foi montado a partir de fundamentos muito próximos ao Estado Islâmico", comentou. Ela explicou que Damasco não tem condições políticas nem militares de enfrentar o Hezbollah. "O grande cerne da questão é que o governo libanês não consegue controlar o Hezbollah, e Israel não tem o mínimo interesse na construção da paz. Muito

Isabel Infantes/AFP



Trump com os premiês Mark Carney (Canadá), Narendra Modi (Índia) e Sanae Takaichi (Japão) e o chanceler alemão, Friedrich Merz, em Evian

Mahmoud Zayyat/AFP



Bandeira do Hezbollah sobre escombros no sul do Líbano

pelo contrário: o governo de Benjamin Netanyahu depende da continuidade do tensionamento político para fortalecer sua posição dentro dos EUA", afirmou.

A professora da Unifesp admitiu que a relação entre Trump e Netanyahu tem sofrido diversos abalos. "Há uma insatisfação muito grande dos EUA com as políticas que Israel vem tomando no Oriente Médio. Existe uma clara desconexão entre as necessidades políticas internas

dos dois líderes no que se refere ao Irã. Para Israel, a importância do conflito é enorme para a continuidade do domínio da extrema direita. Para os EUA, Trump precisa encerrar a guerra, caso contrário isso terá consequências muito sérias para as suas pretensões eleitorais e do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato, em 3 de novembro", analisou Pecequillo.

O israelense Kobi Michael, analista senior do Instituto para

Estudos de Segurança Nacional (em Tel Aviv) e do Instituto Misgav para Segurança Nacional e Estratégia Sionista, alertou que os planos da Casa Branca de incumbir a Síria de combater o Hezbollah são "sem sentido" e "muito perigosos". "Em primeiro lugar, a Síria não dispõe de um exército realmente bem treinado; o que lhe resta são milícias jihadistas-salafistas, muito menos profissionais e capazes em

assuntos militares e de combate, em comparação com o Hezbollah. Em segundo, existe profunda animosidade entre as milícias e o Hezbollah, e não há dúvida de que buscarão vingança. O resultado será derramamento de sangue e massacre. Em terceiro, qualquer envolvimento sírio enfraquecerá o governo e o Exército libanês", disse ao **Correio**. Ele acredita que o Líbano jamais aceitará a intervenção da Síria.

» Agradecimentos a Teerã

O movimento xiita libanês Hezbollah, aliado ao Irã, agradeceu à República Islâmica por ter incluído no acordo de cessar-fogo com os Estados Unidos a suspensão dos ataques de Israel ao sul do Líbano. Em mensagem endereçada ao presidente do Majlis (o parlamento iraniano), o xeque Naim Qassem, secretário-geral do grupo, manifestou "profunda gratidão" ao regime islâmico de Teerã por ter negociado com os EUA termos que "obrigam a entidade sionista a uma cessação imediata e permanente das operações militares em todas as frentes, incluindo a libanesa". "O Irã é o campeão da verdade e da resistência", acrescentou Qassem, assegurando que a República Islâmica "deu tudo ao Hezbollah, à resistência e ao povo libanês sem tomar nada em troca", em sua nota.

ESTADOS UNIDOS

Trump pede US\$ 600 milhões para salão de baile

O salão de baile da Casa Branca, projeto arquitetônico especialmente projetado pelo presidente republicano Donald Trump, custará até US\$ 600 milhões (cerca de R\$ 3 bilhões), dos quais mais da metade sairá do bolso dos contribuintes, publicou o jornal *The Washington Post*. Trump tinha apresentado o projeto inicial, no ano passado, como uma iniciativa totalmente privada, financiada com recursos próprios e por outros doadores, por um valor que não passaria de US\$ 200 milhões de dólares (ou R\$ 1 bilhão).

O presidente autorizou em seguida a demolição da Ala Leste da residência presidencial para realizar o projeto, o que provocou reclamações de associações

de preservação do patrimônio, que conseguiram bloquear parcialmente a obra. Segundo o *Post*, Trump reproduziu uma estimativa detalhada de custos preparada para o governo Trump pela Clark Construction, a empreiteira responsável pela obra.

Em 31 de março, Trump anunciou perante jornalistas um orçamento de até US\$ 400 milhões, "livres de impostos para os contribuintes". Mas um relatório preparado três semanas antes estimava o custo total em US\$ 600 milhões, mais da metade proveniente de cofres públicos, destacou o jornal. A Casa Branca insistiu, em comunicado enviado à agência France-Presse, que Trump e os doadores estavam assumindo a maior parte dos custos.

Brendan Smialowski/AFP



Manutenção em Washington para os 250 anos da independência

"O presidente Trump e patriotas americanos generosos estão financiando o salão de baile por um montante de aproximadamente US\$ 400 milhões. Será um lugar seguro e apropriado para os presidentes durante gerações", disse o porta-voz Davis Ingle. Um suposto complô de ataque à Casa Branca, no último domingo, durante uma luta de artes marciais mistas à qual assistiram Trump e outros altos funcionários, "demonstra exatamente por que o projeto de modernização da Ala Leste é extremamente necessário para eventos de grande escala", destacou.

Após as sentenças de um juiz que ordenavam a paralisação da obra, Trump convocou os jornalistas, em maio, diante da construção,

e apresentou um projeto consideravelmente mais ambicioso: salas no subsolo, incluindo um pequeno hospital, e uma pista para drones na cobertura. Enquanto isso, o Congresso destinava US\$ 1 bilhão para a segurança da Casa Branca, o que foi duramente criticado pela oposição democrata. A empresa construtora disse que os detalhes do projeto são confidenciais.

Trump insiste que a Casa Branca precisa de um salão de baile para receber os convidados de honra com segurança. O tradicional jantar anual de jornalistas acreditados como correspondentes na Casa Branca, em abril, em um hotel de Washington, foi suspenso após um homem tentar entrar atirando.